

PRANDI, Reginaldo. *Os favoritos degradados; ensino superior e profissões de nível universitário no Brasil hoje*. São Paulo, Ed. Loyola, 1982. 135 p.

A análise apresentada pelo autor procura elucidar as relações que se estabeleceram entre a educação superior e as mudanças econômicas sociais impostas pelo poder do grande capital.

A primeira parte do livro — Universidade, trabalho, capital —, trata especificamente da “degradação” do trabalho de nível superior e suas implicações de ordem mais geral. Procura mostrar que as mudanças havidas neste últimos anos, tanto no que diz respeito ao ensino superior como no que diz respeito ao mercado de trabalho e desempenho profissional, só têm sentido se considerada a nova qualidade da demanda imposta pelo desenvolvimento capitalista do país sob interesse e égide do capital oligopolista internacional. A interpenetração entre o desenvolvimento industrial e o capitalismo internacional rearticula a funcionalidade do ensino superior no Brasil de tal modo, diz o autor, que “universidade praticamente passa, em uma só década, do estágio de formação das elites nacionais, como concepção, para o de formação de força de trabalho para o capital internacional . . . a velha universidade dá lugar à nova, como o velho capital é substituído pelo novo”. (p. 47)

É indispensável, portanto, pensar a universidade em sua funcionalidade para a sociedade brasileira na forma como esta se reproduz como sociedade capitalista dependente. E neste sentido, levando em conta os dados disponíveis e analisando-os sob o prisma da relação existente entre esta instituição fornecedora de força de trabalho qualificada e o mercado de trabalho o autor demonstra com muita clareza que o desempenho do ensino superior no Brasil tem sido mais do que satisfatório. A expansão verificada no ensino superior e a queda na qualidade deste ensino são elementos constitutivos desta nova universidade que está aí, elementos estes associados tanto à formação de um exército de reserva de trabalhadores de nível universitário como a alienação deste trabalhador. O capital monopolista internacional não exerce somente a dominação da economia nacional, mas sobretudo a dominação através da importação de tecnologia. Em princípio, a instalação e defesa de uma universidade brasileira significaria uma espécie de reação a este tipo de imperialismo, mas na

prática, as condições extra-acadêmicas, no seio da produção em geral, retiram da universidade as demandas de produção de conhecimento em nível nacional. Ela passa a depender organicamente da importação de conhecimento tornando-se desnecessária e mesmo inconveniente uma educação voltada para a criação, a pesquisa, a reflexão e a crítica.

Numa segunda parte do livro, sob o tema — Estudante, universidade, profissão — são apresentados dois estudos acerca das expectativas e avaliações que estudantes da universidade de hoje apresentam com relação ao ensino superior e aquilo que imaginam venham a ser seu próprio futuro profissional. Na maior parte dos depoimentos os estudantes apresentam pessimismo e decepção relacionados às suas futuras oportunidades de trabalho e é a partir daí que situam as suas críticas, colocando a universidade como instituição hoje incapaz de acompanhar as mudanças que se dão na sociedade, especialmente aquelas referidas ao trabalho do profissional de nível universitário. O autor constata que os estudantes apresentam uma visão muito pouco consciente, em relação ao processo geral de transformação a que está submetida a sociedade brasileira, tanto assim que tendem a formular a necessidade de alterações em certas práticas, alterações essas incompatíveis com o próprio rumo que a universidade tomou em função da política de aviltamento profissional coerente com a internacionalização da economia.

Nas conclusões gerais o autor aponta para uma tendência segundo a qual o pessoal de nível universitário passa a ocupar funções anteriormente identificadas como próprias do ensino de nível médio bem como para o recrudescimento do subemprego para este segmento. A universidade portanto, por si só, é hoje incapaz de garantir ocupação específica, emprego estável, status social, prestígio e rendimento nos moldes até poucos anos vigentes no país. Não faz mais sentido propalar a afirmativa de que daqui a alguns anos haverá um equilíbrio entre oferta e demanda de profissionais de nível universitário se uma das funções da universidade hoje é justamente a ampliação do exército industrial de reserva para esta camada qualificada da força de trabalho.

O professor Prandi destaca, no entanto, que a ampliação deste “exército de reserva” formado a nível superior leva a que estes trabalhadores assumam a sua real condição de classe explorada e que é a partir deste processo que se pode vislumbrar a possibilidade de uma crítica radical à universidade, uma vez que esta passa a ser feita não pela via direta da crítica do ensino, mas pela via de rejeição da estrutura das classes sociais e da

exploração do trabalho. Esta crítica radical à universidade passa pela sua transformação em centros de produção de conhecimento capazes de resgatar a subordinação científica, cultural e artística em benefício da negação do modelo de desenvolvimento das forças produtivas segundo a atual orientação, criando condições para a pesquisa e o ensino voltados para as necessidades reais da sociedade, que não sejam necessariamente as do capital.

Fartamente amparado em dados oficiais e na experiência acadêmica de estudantes universitários, o autor consegue retratar o clima de perplexidade que envolve hoje a questão do ensino superior. Porém, é necessário que se acrescente às suas reflexões a compreensão de que a universidade brasileira hoje já se apresenta, ela mesma como um espaço privilegiado de luta pelas mudanças estruturais da sociedade como um todo.

*Leda Scheibe*